

Mulheres dos anos 1920:

sociabilidade, educação e lazer

Jamilly Nicácio Nicolete

Jane Soares de Almeida

Como citar: NICOLETE, Jamilly Nicácio; ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres dos anos 1920: sociabilidade, educação e lazer. *In:* BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino (org.). **Mulheres, gênero e sexualidades na sociedade: diversos olhares sobre a cultura da desigualdade - volume 2.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p.183-206.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-86-6.p183-206>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

MULHERES DOS ANOS 1920: SOCIABILIDADE, EDUCAÇÃO E LAZER

Jamilly Nicacio Nicolete
Jane Soares de Almeida

Nas primeiras décadas do século XX, o alcance das informações se ampliava e nessa transição o acesso a uma determinada literatura¹, discursos, modos de proceder, normas e regras sociais haviam sido herdados do século XIX, mas o mundo era outro e uma Segunda Grande Guerra se aproximava. A República Brasileira intentava se firmar no panorama político e o último imperador havia morrido na Europa há alguns anos. Elegiam-se presidentes, a indústria se desenvolvia e avançava, a economia se firmava em outras áreas que não somente a agricultura, o espaço urbano

¹ A *Coleção das Moças*, livros românticos da francesa Madame Delly; os romances de Jane Austen, Charlotte e Emily Brontë (séc. XIX), são exemplo da literatura estrangeira do século XIX, destinada às mulheres. No Brasil, as obras de Machado de Assis e Aluizio de Azevedo também impregnaram o imaginário social acerca das figuras femininas.

ampliava-se, se abriam ruas e as portas das residências. A cultura letrada se firmava em variadas publicações: romances, revistas, imprensa periódica, livros escolares, almanaques, manuais de civilidade, entre muitos outros. Quem eram os autores nacionais ou estrangeiros que publicavam seus artigos, suas opiniões e notícias, veiculavam novos modos de pensar e se situar num mundo que já não era o mesmo daquele de antes da Primeira Grande Guerra?

Certamente, participar das construções culturais estava reservado aos homens letrados, pois raras mulheres, com o as intelectuais feministas, ou que desempenhavam uma profissão, se atreviam à exposição ao espaço público, mesmo que fosse pelo mundo das letras. Chartier (1991, p. 179), observa:

Os que podem ler os textos, não os leem de maneira semelhante, e a distância é grande entre os letrados de talento e os leitores menos hábeis, obrigados a oralizar o que leem para poder compreender, só se sentindo a vontade frente a determinadas formas textuais ou tipográficas.

Como homens e mulheres, estas em especial, se apropriavam da leitura dos populares almanaques que adentravam aos lares com periodicidade regular? O que diziam estes panfletos? Que representação ou impacto suas matérias aligeiradas e histórias açucaradas, com fartas ilustrações, causavam sobre as mulheres leitoras num mundo que se modificava? E quem eram as mulheres que agora transitavam regularmente no mundo que se ampliava pela via do letramento, das artes, do lazer? Onde e o que estudavam; o que liam; como se situavam no mundo do pós-guerra que modificou as gerações? No dizer de Chartier (1991, p. 181), “a leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência: é por em jogo o corpo, é inscrição num espaço, relação consigo ou com o outro”.

Essa relação construída com corpos mais leves, menos aprisionados, abertos para a moda, as novidades externas, a bem vinda educação, era aliada dos novos tempos exibidos pelos atrativos almanaques? As leitoras dos almanaques trabalhavam, lecionavam para crianças, escreviam, praticavam esportes ou se deixavam ficar em casa à espera de um bom marido?

Quase um século se passou e vestígios que hoje possam ser reinterpretados à luz de uma História, que reconheça seu protagonismo social, se esgarçam perante o mundo da tecnologia e da aceleração das informações. Estes vestígios estão perpetuados em fotos, jornais, pinturas, cartas, escritos, documentos que escaparam da voragem dos anos e da destruição de sua passagem.

A raridade das fontes sempre se configurou num obstáculo quando se quer escrever sobre mulheres. É possível reescrever sua História de forma a entender tempos passados onde se fizeram presentes? Perrot, (1988, p. 212) nega que a condição feminina de mulheres passivas e submissas seja verdadeira ao observar que, “a miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam não bastam para contar sua história”.

A História das Mulheres também se processa nas entrelinhas da alteridade e da dicotomia que esta insere entre o público e o privado. Como escrever esta História se os feitos femininos foram mantidos na invisibilidade? Como reescrever um protagonismo feminino numa história escrita pelos homens? Perrot (2012) também refere-se ao “silêncio das fontes”, conceito que considera a dificuldade de localizar mulheres ocultas no mundo cotidiano, que eliminou maiores vestígios de sua passagem.

No início do século XX, os sexos possuíam entre si um processo relacional ainda marcado pelo exercício do poder dos homens sobre as mulheres. As redes de poder se representam por processos fenomenológicos imbricados com atitudes práticas, ambas ligadas num processo de construção social. As práticas e os sujeitos são efeitos de poder e do saber, os quais se fabricam nas diversas instituições presentes nas sociedades das diversas culturas e se estabelecem nos sentidos que atribuímos aos gestos, aos comportamentos, às pessoas e a nós mesmos:

[...] o poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são os alvos inertes ou consentidos de poder, são sempre centros de transmissão [...], aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos de poder. (FOUCAULT, 1981, p. 1).

As redes de poder se expressam na alteridade e compreender essa relação implica no entendimento do conceito de gênero², que justifica a percepção dos processos corporais, por meio de uma construção social de sentidos estabelecidos na determinação do caráter dos indivíduos e suas relações com os conceitos de masculinidade e feminilidade.

O uso do termo gênero representa um procedimento que procura explicitar os atributos específicos que cada cultura impõe ao sexo masculino ou feminino, ao considerar a construção social construída hierarquicamente como uma relação de poder entre os sexos (SCOTT, 1990, p. 13).

Por outro lado, as interfaces culturais transformam a biologia, e a inscrição do gênero é feita nos corpos e tem características históricas. O sujeito será masculino ou feminino e isso é construído pelos padrões de uma determinada cultura, da qual recebem significado e ao mesmo tempo é por ela modificado (LOURO, 1995, p. 177). Se determinada cultura estabelece a diferença como um fator de desigualdade, isso se constitui, historicamente, como uma ordem de poder, o que justifica, em nome da opressão, a negação efetiva da igualdade e se reveste na escala valorativa de mais ou menos direitos para cada indivíduo ou grupo social, ao inserir subjacente a ideia de domínio.

A igualdade, proposta pela crítica teórica feminista, não significa a adoção do paradigma masculino, nem que as diferenças devam ser eliminadas, pois estas, no bom sentido, definem a identidade de cada sexo. Sua negação pode levar ao extremo oposto, quando se pensa em descrever o feminino pelo ponto de vista masculino:

Las mujeres se esforzaran en un principio para obtener los mismos derechos que los hombres, para igualarse con ellos. Sin embargo, una vez alcanzado un cierto grado de emancipación, a mediados del siglo XX, se dieron cuenta de que abdicar a su diferencia implicaba renunciar a conocer el mundo desde sí mismas, a valorar sus cuerpos, a experimentar sus sexualidades y a toda libertad particular. A la par, implicaba desgastar-se em imitar um modelo incanzansable porque, precisamente, es diferente de ellas. (GARGALLO, 2007, p. 90).

² Entre as décadas de 1980 e 1990 o conceito de gênero e sua representação social como relação de poder, se edificou, quando o movimento feminista se voltou para construções propriamente teóricas, além das preocupações sociais e políticas que até então o marcavam. Sua introdução, como categoria científica que expressa as relações sociais entre os sexos, surgiu da necessidade de pensar o feminismo a partir de uma perspectiva teórica, representada pela não aceitação da desigualdade.

O gênero procura dar significado às relações de poder e se configura como um elemento estabelecido nas relações sociais, baseado sobre as diferenças entre os sexos e se manifesta como um meio de decodificar o sentido e compreender as relações complexas presentes no meio social. Scott (1990) propõe a análise dessas relações a partir de sistemas culturais assinalados pelo poder e sugere a existência de uma relação de parceria, com a eliminação da oposição binária entre homens e mulheres.

As identidades de gênero não são estabelecidas e fixadas num determinado momento, mas constantemente construídas e transformadas. Homens e mulheres se edificam como atores sociais masculinos ou femininos, e todas as estruturas como família, religião, meios de comunicação, escola estão envolvidas nessa dinâmica: “o fazer-se homem e o fazer-se mulher é um processo, ou seja, aprende-se a ser homem ou mulher, conforme as visões de mundo que orientam as práticas dos indivíduos” (PARAÍSO, 1997, p. 27).

Os estereótipos decorrentes das relações de gênero, por sua vez, situam-se numa escala axiológica e são manifestados ao longo da existência humana. Este processo ocorre desde a mais tenra idade pela educação, não apenas a formal, mas também a familiar e social, quando o conjunto de características estereotipadas significa um dos mais eficazes mecanismos de perpetuação das desigualdades entre homens e mulheres.

A abordagem de gênero na História das Mulheres objetiva a desconstrução da ordem de poder estabelecida nos documentos oficiais e na historiografia escrita por homens, na qual estas ocupam nichos derivados do imaginário acerca da feminilidade, e o discurso simbólico ocupa espaços não representativos da realidade:

A prolixidade do discurso sobre as mulheres contrasta com a ausência de informações precisas e circunstanciadas. O mesmo ocorre com as imagens. Produzidas pelos homens, elas nos dizem mais sobre os sonhos ou os medos dos artistas do que sobre as mulheres reais. As mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas. Eis aí outra razão para o silêncio e a obscuridade: a dissimetria sexual das fontes, variável e desigual segundo as épocas. (PERROT, 2012, p. 17).

OS CORPOS FEMININOS NA ESFERA DA ALTERIDADE

A frase de Perrot (2012, p. 42) é lapidar: “Nos campos de antigamente, os sinos soavam por menos tempo para o batismo de uma menina, como também soavam menos para o enterro de uma mulher. O mundo sonoro é sexuado”. O mundo, as práticas sociais, o lazer, a sociabilidade, a educação, os costumes, a saúde, a arte, a história, entre outros, e que representam uma rede complexa que rege o mundo civilizado e decorrem de formas sexuadas de ordenar o universo social e cultural. Nascer mulher é adaptar-se às restrições e expectativas do modelo masculino. Mulheres devem ser belas, limpas, honestas, prendadas, submissas, puras, numa lista infundável dos predicados femininos delimitados e delineados, ao longo do tempo, pelos desejos modelares masculinos, apoiados pelos femininos, e pela ordem sexuada que estes estruturam para o funcionamento da sociedade, como no exemplo abaixo retirado de um Manual de Economia Doméstica de meados do século XX:

Existem casas e existem lares. Casa é o imóvel em que moramos e onde nos abrigamos contra as intempéries. Lar é muito mais do que isto: é a casa e a vida sentimental e espiritual da família. Para que exista um lar no interior das quatro paredes de uma habitação, é necessário que ali resida o verdadeiro espírito da família: e este espírito, compete à mulher cria-lo e conservá-lo. Jamais permitirá a verdadeira mãe de família que a chama do amor e do sacrifício se apague no recesso de sua casa. Tão complexos se apresentam os problemas da família que a dona de casa, no seu viver diário, necessita de um conjunto sistematizado de variados conhecimentos científicos, afim de que suas tarefas não sejam desempenhadas empiricamente. São-lhe indispensáveis noções de higiene, nutrologia, contabilidade, puericultura, enfermagem, etc. A jovem deve compenetrar-se de que será um dia responsável por uma casa, um lar e uma família. (SERRANO, 1950, p. 15).

Nos anos 1920, assim como nas décadas anteriores e posteriores, a responsabilidade pelo mundo doméstico repousava exclusivamente em mãos femininas, com consequências para sua individualidade e autonomia. Manter a família ao abrigo dos males advindos de problemas sociais do exterior dos lares era sua missão e vocação. A imagética social, ao ser veiculada por jornais, revistas, filmes, teatros, escolas referendava o destino

das mulheres das classes médias e altas – era a expectativa do cumprimento de papéis predeterminados. As mulheres pobres ficavam relegadas à luta cotidiana pela sobrevivência.

Do término da Segunda Guerra até os anos 1950, com o advento da televisão, com mais produção de filmes e sua popularização, houve alterações significativas no campo social. As mulheres passaram a ter protagonismo como cidadãs com acesso ao direito de votar, o que lhes oportunizou maiores oportunidades educacionais e conseqüentemente ao mundo do trabalho.

Como se processavam as relações de gênero, num país como o Brasil, dependente das ideias europeias e norte-americanas, quanto ao protagonismo feminino no panorama social?

Os romancistas mais lidos no País e exterior idealizavam as mulheres como seres dotados de atributos de pureza e bondade, castas e abnegadas; os positivistas lhes atribuía a mais nobre missão de serem indispensáveis à família, em cujas mãos repousava a grandeza da Nação; a Igreja católica lhes estampava o exemplo da Virgem Maria, impossível de ser dissociado do destino irrecusável de serem mães.

As mães deviam ser sacrossantas e puras, o sacrifício do corpo e da beleza era depositado no altar sacrificial do matrimônio e da maternidade. Impensável serem mães sem antes serem esposas, passando pelos inevitáveis rituais do noivado, do recebimento da *corbeille*, (joias de compromisso, acompanhadas de um ramallete de flores) e, finalmente, pelo casamento sacramentado na Igreja Católica e reconhecido pelas leis civis. Impensável o divórcio, as infidelidades, a simples atração pelo sexo oposto, a vivência do espaço público por meio do trabalho, das profissões ou da política.

Os corpos femininos eram a arca do tesouro, ciumentamente guardados pela família e, por mais que se apontem as razões econômicas da descendência, o fato é que estes eram vistos como propriedade masculina, preservados com zelo e isso significava controle físico, da alma e do pensamento. Como conseguir isso? Censurando às mulheres as leituras, as amizades não recomendáveis, a exposição ao espaço público e suas contaminações, vigiando a educação e os conteúdos escolares, mantendo-as atreladas aos dogmas religiosos ao incentivar a

extrema religiosidade, convencendo-as que o ápice de seu destino era o matrimônio e a maternidade.

É claro que o amor conjugal pode existir. Mas é um golpe de sorte ou o triunfo da virtude. O amor se realiza mais fora do casamento: amplamente tolerado para os homens, cuja sexualidade seria incoercível, é muito menos tolerado para as mulheres, cujo adultério é passível de ser levado aos tribunais, enquanto o dos maridos só pode ser condenado se praticado no domicílio conjugal. O casamento por amor é, por conseguinte, a única opção honrosa para uma mulher, seu abrigo seguro. A mulher casada é, ao mesmo tempo, dependente e dona de casa. Cabe a ela usar dos poderes que lhe são conferidos ou relegados. Dependente juridicamente, ela perde seu sobrenome. [...]. Dependente sexualmente está reduzida a “dever conjugal” prescrito pelos confessores. E ao dever de maternidade, que completa sua feminilidade. Temida, vergonhosa, a esterilidade é sempre atribuída à mulher, esse vaso que recebe um sêmen que se supõe sempre fecundo. (PERROT, 2012, p. 47).

Em contraponto à imagem de mães e de virgens, assexuadas, o corpo das mulheres emergiu ao longo dos séculos como um pilar do erotismo e da sedução. Expostos desnudos nas telas e no mármore dos grandes mestres, aos poucos foram sendo encobertos até que as décadas iniciais do século XX modificaram os comportamentos, os quais, esporadicamente entravam em conflito com a Igreja católica. Nas escolas, a educação assexuada ignorava o mundo que se esculpia em contornos mais flexíveis e menos puritanos. As famílias almejavam a pureza e a inocência de suas filhas, desejando alianças e casamentos tradicionais e investindo em expectativas para o desempenho da maternidade. Os meios de comunicação avançavam na defesa de costumes mais modernos e até mesmo transgressores.

No cenário contraditório das décadas iniciais do século XX, os almanaques em voga nos anos 1920/30 apelavam para o imaginário erótico ao retratar as estrelas de cinema, as divas dos teatros, as burguesas endinheiradas que ofuscavam a cena social com modismos, transgressões, roupas, rostos maquiados e cabelos curtos. Ousadas, as jovens casamenteiras

das famílias burguesas eram retratadas nas mesmas revistas ornadas de atrizes que ditavam modas e comportamentos.

Por outro lado, o conservadorismo social vigente, ainda insistia em ancorar na virtude o principal ornamento da mãe de família, na visão veiculada sumamente pela imprensa feminina, nos jornais escritos por e para mulheres, e “a renúncia ao luxo traduz-se, na visão da imprensa feminina, em renúncia ao exercício de sua vaidade e da valorização de seus predicados físicos no espaço público da rua” (BICALHO, 1989, p. 95).

Entre esses paradoxos, com dois tipos de representações sociais, cabem mais interrogações: de que forma os almanaques eram lidos, decodificados, interpretados, como produtores de sentido e significado no imaginário das leitoras, se costumavam encerrar tantas ambiguidades acerca da figura feminina? Estas confrontavam com os ideais feminis expressos pela sociedade e alardeados pelos jornais escritos por mulheres? Ou traziam para dentro da família valores avançados, comportamentos inaceitáveis, corpos expostos, vaidade e sensualidade? Não consta que os almanaques fossem de circulação restrita ou proibida sua leitura. Muito pelo contrário, eram frequentes nas livrarias e nas assinaturas. Como entender essa complexidade, a qual, no tocante ao sexo feminino se revestia de maiores nuanças do que se supõe?

ALMANACH *EU SEI TUDO* – AS MULHERES COMO ORNAMENTO NOS ESPAÇOS DO LAZER

O século XX realmente começa com o final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), no que tange especificamente às mudanças comportamentais. A carnificina dos tempos de guerra substituiu as manifestações sociais num mundo conturbado, que atingiu o espaço público e o privado. Com o término das lutas que destruíram famílias e nações, houve mudanças estruturais na vida pública e na vida privada, pela ausência dos homens mortos nas batalhas. Durante os anos do conflito e nos que os antecederam, as mulheres ocidentais se mantinham numa situação de submissão, interrompida a espaços com reivindicações femininas por maiores direitos como educação, voto e mais liberdade.

Os anos de 1920 estamparam novos comportamentos femininos, principalmente nas classes sociais mais elevadas. Ao descrever a mulher portuguesa desses anos, em Portugal, Barreira (1992, p. 17), observa:

Os anos 20 iniciam paulatinamente outra forma de estar da mulher burguesa. Desde as modas que além Pirineus atravessam fulgurantemente, através de revistas da especialidade, uma Lisboa bem mais pacata, até à pequena elite de intelectuais que frequentavam a Universidade, escreviam poemas e romances ou tentavam, de tribunas feministas, intervir politicamente. Tudo isto numa santa paz e moderação bem portuguesas.

Os Estados Unidos e demais países europeus, embarcavam numa sociabilidade recente derivada dos tempos de conflito. O Brasil denotava a influência norte-americana e inglesa, o que se revelava eficazmente na popularização do cinema, na diversificação de revistas e almanaques, nos programas de rádio, na literatura da época. Paris, na França, atraía artistas e intelectuais ávidos por fugir de sociedades conservadoras, opressoras e sexistas que sufocavam a liberdade e a livre expressão.

Os meios de comunicação se aceleravam, embora a aviação comercial ainda não fosse acessível. Navios de passageiros saíam do porto do Rio de Janeiro e Recife rumo à Europa e América do Norte. Modelos de cabelos, roupas, sapatos, trejeitos de atrizes eram imitados no mundo ocidental recém- saído do conflito. Em São Paulo, a Semana de Arte Moderna em 1922 foi a maneira expressa para renovar o ambiente cultural e mulheres como Anita Malfatti e Tarsila do Amaral causavam impacto no mundo das artes. Com as primeiras transmissões de rádio e o cinema, uma nova sociedade se desenhava e nela o protagonismo de uma mulher educada, mais atuante, se edificava na classe média e na elite econômica, afastando-se de uma vez das mulheres de antes da guerra.

Figura 1 - Um casal da classe média. O homem faz a pose séria, do pai de família. A esposa, ao seu lado, mantém-se em atitude respeitosa, a uma distância que denota a pouca exposição do casal ao público.



Fonte: Acervo particular, aproximadamente 1910/15.

Como era a vida das mulheres no Brasil nos anos 1920? O que faziam, como se divertiam, o que liam? Costumeiramente se pensa que jovens e senhoras eram mantidas longe do espaço público e só poderiam sair para assistir à missa, como as mulheres coloniais. Serão verdadeiras essas representações? Como podemos recuperar o passado histórico do sexo feminino, se ainda tão pouco se sabe sobre as mulheres brasileiras nos interstícios da sociabilidade?

Barreira (1992, p. 22), fala da mulher cantada em prosa e verso nos romances lidos na época pela população feminina alfabetizada, enaltecida como “fada do lar, amante fidelíssima, esposa exemplar”. E sobre a jovem

exposta aos riscos de desejar trabalhar fora de casa, ou ser artista, “condição dificilmente aceite por uma mentalidade mais conservadora”. Almeida (1998, 2007), refere-se às professoras como destinatárias da imagética social ao alocar seu desempenho profissional ao papel de esposas e mães. Magaldi (1992, p. 61), relata seus estudos sobre mulheres no mundo da casa nas obras de dois romancistas na virada do século XIX ao XX no Rio de Janeiro, como centro da vida social, “destinado a expressar o cenário privilegiado da modernidade brasileira, o paradigma do progresso nacional, a vitrine de um país que, aos olhos das classes dominantes da época, civilizava-se afinal”. Perrot (1988, p. 181), atribui ao letramento feminino, derivado da necessidade de educar os filhos, avanços na sua condição, que “progrediu rapidamente nas cidades do século XIX, e a leitura privada de romances e jornais modelou seu imaginário”.

Como entender as representações femininas nos almanaques, sobejamente divulgados entre as famílias, objeto de leitura atenta e comentários à mesa do jantar, com as expectativas sociais e familiares acerca da educação das moças e dos comportamentos esperados das esposas e mães? Como entender a audácia explícita das atrizes, das *cocotes* francesas, das emancipadas norte-americanas ilustradas nesses periódicos, ao adentrar no sacrossanto recesso dos lares? E como cotejar com os modelos comportamentais femininos enovelados entre o conservadorismo do século XIX e a modernidade do pós-guerra? Onde localizar o movimento feminista, as mulheres operárias, as mulheres educadas? O “silêncio das fontes” tem sentido e significado; é difícil encontrar as pegadas das mulheres, sejam elas em qualquer espaço.

O conceito de dicotomia sexual proposto pelos estudos de gênero referendam os estereótipos culturais acerca de masculino e feminino, estabelecendo conceitos antagônicos:

Quando se habla de dos sexos, masculino y femenino, se está abarcando em esta dicotomía um disciplinamiento de aspectos muy diversos de la sexualidad humana. Por supuesto el sexo anatómico, con el que a primera vista y al nacer se classifica a casi todos los seres humanos: tan fuerte es el dogma sobre la dicotomía anatómica, que cuando no se encuentra se la produce. (MAFFÍA, 2007, p. 88).

Nos almanaques são flagrantes as dicotomias sexuais, nas quais o sexo biológico é produto de uma leitura cultural. E quando a diferença é usada como controle ideológico e hierarquia que facilita a opressão de um sexo (feminino) pelo outro (masculino), se converte em uma experiência histórica. Os produtos culturais dessa experiência, ao se concretizarem nas escrituras com forte apelo ideológico, trazem em si a justificativa da ordem universal de poder baseada na natureza. No caso dos almanaques, o uso dos corpos é flagrante: a beleza, que ao se expor seminua, emblematizada, metamorfoseada em poses sensuais e roupas ousadas, são objeto de desejo e imitação.

Originários do estrangeiro, as revistas e almanaques circulavam entre o público feminino ditando modas e alterando os costumes. E que diferença dos manuais de civilidade, regras de boas maneiras, tratados de perfeição cristã e romances edificantes lidos até então!

Os manuais de civilidade ditavam normas comportamentais restritivas ao sexo feminino; os tratados de civilidade, etiqueta e boas maneiras sufocavam o espaço da sociabilidade e as relações de gênero ao impor cânones sociais a serem seguidos, desde as injunções das jovens e senhoras não saírem desacompanhadas, até os impedimentos dentro do próprio lar, como atenderem à porta ou receberem visitas particulares. Os catecismos pregavam costumes ascéticos de acordo com as normas religiosas e as obras literárias, especialmente os romances femininos, impingiam imagens de mulheres pudicas, controladas, castas, caladas, sufocadas pelas normas sociais.

As revistas femininas que circulavam no período, embora reivindicassem maiores direitos para as mulheres, em grande parte se mostravam conservadoras quanto aos papéis sexuais. Os almanaques eram outra história e pareciam reinventar o social, embora por si só seu conteúdo fosse contraditório, pois aliavam todos os aspectos acima quando se referiam ao sexo feminino, acrescentando comportamentos avançados e irreverentes, o que torna sua leitura paradoxal e deveras instigante.

Do Almanaque “*Eu sei tudo*”, foram escolhidos pelo critério de localização, cinco números de 1926, 1927 e 1928. Os exemplares eram publicados mensalmente, com uma edição especial anual, no Rio de Janeiro desde 1917, pela Casa Americana, até os finais dos anos 1950, quando as revistas em geral passaram a ser ultrapassadas pela televisão,

com maior apelo ao público. Publicados primeiramente na França com o nome *Je sais tout* em 1905, nos Estados Unidos eram denominados *I know everything*, na mesma época.

Esses almanaques, pontualmente assinados e lidos pelas famílias nos vários estados brasileiros, compunham um quadro cultural que importava os modos de vida europeus e norte-americanos, e inseriam matérias das diversas regiões brasileiras. Os periódicos eram uma alternativa aos austeros manuais de civilidade, aos catecismos ascéticos de doutrina cristã, aos romances edulcorados com heroínas trêmulas e submissas, aos livros escolares veiculadores de contenção e disciplina, até mesmo às publicações femininas como jornais e panfletos, que reivindicavam mais educação e o sufrágio.

Como entender essa complexidade? Como cotejar a educação e o comportamento esperado das moças das boas famílias, contidas e educadas segundo a austeridade católica, com a liberdade exposta nos almanaques vendidos livremente?

Os almanaques ofereciam ao público leitor uma miscelânea informativa mediana, ao longo de mais de cem páginas, com variada ilustração, com destaque para mulheres, principalmente atrizes, bailarinas e esportistas. No entanto, suas fotos eram apenas ornamentos e logo abaixo, pequenas legendas elogiosas expunham seus nomes e o que faziam.

Além destas, as jovens burguesas ou da classe média, também eram notícia, quando lançavam o “último grito” da moda, ou apresentavam comportamentos excêntricos e modos de ser afastados dos modelos femininos até então adotados, como praticar esportes, dirigir, participar de competições ou simplesmente usar os cabelos curtíssimos e vestidos avançados.

As publicações, extremamente populares entre as famílias, provavelmente competiam com os jornais femininos dos anos 1920, engajados na luta pelo sufrágio e liderados por notórias feministas que pertenciam à elite econômica e intelectual, dos maiores centros brasileiros. Essas publicações, que possuíam forte caráter político e reivindicatório, contraditoriamente eram moderadas e pregavam o valor da maternidade, a importância das mulheres na manutenção do espaço familiar e criação dos filhos.

Os almanaques analisados sequer se referiam ao movimento feminista, bastante atuante e agressivo na Inglaterra e outros países europeus, mais moderados nos Estados Unidos e francamente contidos no Brasil. As publicações existiam para o lazer, o divertimento, a curiosidade, as roupas eram audaciosas, as atrizes seminuas expunham as pernas e os seios, o apelo erótico era evidente.

Como as mulheres brasileiras decodificavam esse modo de vida tão diverso do seu? Será que comparavam, sentiam anseios por essa liberdade tão aberta de suas páginas? Como se equilibravam entre modos de viver certamente admirados com a sua própria existência ainda atrelada ao domínio masculino e enquadrada em normas sociais tão diversas?



*Figura 2 - ALMANACH, fevereiro de 1926,
p. 51.*

Até pouco tempo contido em roupas recatadas, os corpos femininos eram expostos pelas atrizes do moderno cinematógrafo sem muita pudicícia, veja-se a foto de Miss Esther Tanya, do *Vanities* de New York publicada em abril de 1926, (p. 27), nua, de perfil com apenas uma echarpe translúcida, que mal a cobre frontalmente, em pose sugestiva, erótica.

A contenção dos corpos pregada pela moral vigente se dilui na generalidade informativa dos almanaques, que não parecem adotar uma linha política declarada. São amorfos, ligeiros, destituídos de crítica social. As fotos servem apenas como moldura para novelas românticas ou aventureiras, não são mulheres reais que ali se expõem, são como enfeites

numa prateleira, na pose montada, com seu arsenal de roupas, apelo sensual e bocas desenhadas em vermelho. Feitos para distrair e informar superficialmente, o apelo das fotos prima por uma pretensa ilustração para trazer ao cenário brasileiro os usos e costumes de outros países, em especial Estados Unidos e Europa. Os almanaques apresentam mulheres em trajes caprichados e vaporosos, pernas e braços descobertos, dançando, atuando em peças teatrais, ou em trajes de banho nas praias, mostrando os corpos; praticando esportes ou fazendo ginástica. O culto aos corpos delgados se anuncia na ênfase dada à atividade física, como a natação em roupas de banho não muito comportadas. A obesidade parece ser objeto de repúdio, ao se exigir mulheres saudáveis, esbeltas, como mostram as fotos na prática de exercícios físicos. Mulheres acima do peso, que fogem aos padrões da moda de corpos bem definidos se transformam em objeto de escárnio como na imagem:

Figura 3 - *ALMANACH*, abril de 1926, pág. 48



No próprio Almanaque a legenda é: Uma família de peso – quatro senhoras membros da família Carlson, de Brocklins (mãe e três filhas), que representam um peso total de 700 kilos. Nada sabemos, infelizmente, a respeito do gasto de alimentos em sua casa. O pai de tais macróbios morreu recentemente. Ou melhor, renunciou...

As artistas sorriem com boquinhos pintadas em arcos delineados, “o arco de Cupido”, numa referência ao Deus do Amor da Mitologia Grega, ou em formato de delicados corações vermelhos. Os olhos são sombreados, sedutores, a postura estampa a sensualidade; os vestidos mostram as últimas tendências da moda, com bainhas pouco abaixo dos joelhos, tules esvoaçantes, calças largas com túnicas, braços e colo expostos. As meias são presas com guizos, declarando o que se usa na França, e nelas as jovens pintam retratos dos noivos, fotografadas numa postura risonha e natural, outras colocam fotos masculinas nos brincos; as ousadas são muitas e variadas.

Figura 4 - *ALMANACH, Junho de 1927, p. 24.*



Miss Patrícia Avery, de New York, que lançou a moda da gravata com a foto pintada do noivo.

A moda é vista com complacente tolerância, afinal os tempos são outros. A Primeira Grande Guerra abriu as comportas para novos modos de vida. Nesse cenário, muitas mulheres que ficaram repentinamente sozinhas, donas do próprio destino, responsáveis pela sua sobrevivência, dos filhos e até de pais idosos ou doentes adentram ao espaço público nos mais diversos níveis. Os cabelos curtíssimos são cuidados com Loção Brilhante e Tricofero de Barry. As jovens dirigem automóveis no Rio de Janeiro, São Paulo e demais cidades em vertiginoso crescimento. Algumas se arriscam ao pilotar aviões, ou jogam bilhar nos espaços públicos, outras são nomeadas pregadoras presbiterianas nos Estados Unidos. As mulheres se perfumam, usam cremes contra rugas da marca Rugol ou Simon, que

as paulistas compram na Rua Alvim Freitas em São Paulo, que anunciava “3000 dólares de prêmios se não desaparecerem as rugas” (ALMANACH, 1927, p. 107). O sabonete Reuter é o preferido, assim como o Gessy. Para a beleza da aparência pálida, o pó de arroz Les Poudres de Riz ou L. P. Piver vindos de Paris; as unhas são esmaltadas em cores vivas de vermelho e rosa da marca Cutex; os depilatórios higienizam e dão uma aparência limpa.

O físico é exposto e as questões de higiene íntima deixam de ser somente privadas e transpõem o público quando se anunciam medicamentos para moléstias de senhoras: o Mercethylina disputa espaço com o Regulador Fontoura, não há mais barreiras excessivamente pudicas quanto aos corpos femininos e suas funções, mantidos na linha com Emagrina. Os seios não são mais contidos em roupas apertadas, colos sedutores transparecem entre rendas e decotes, as pílulas Orientales, indicadas para fazê-los crescer, são vendidas nas farmácias de São Paulo e Rio de Janeiro. O preparado Magic evita a transpiração excessiva, pois uma senhora elegante não pode ser suada. Para a manutenção da boa saúde indica-se Ovomaltine e Biotonico Fontoura.

Os Piquetes entram e saem dos portos no Rio de Janeiro, com frequência levam para temporadas na Europa mulheres campeãs de natação, arqueiras, atiradoras e tenistas. As jovens e senhoras são leitoras de jornais e romances, passeiam de barcos pelo Tâmisia em Londres, ou pelo Sena em Paris, saem em safáris para os países africanos e ilhas isoladas, onde são fotografadas ao lado de animais selvagens. Os cabelos a *la garçonne*, curtíssimos, ora são elogiados como modernos e avançados, ora são objeto de piadas. As poses em lingerie são sensuais e nas fotos as atrizes Joan Crawford e Clara Bow marcam presença constante. Dança-se o Charleston, romances são divulgados e o moderno cinematógrafo, ao lado das peças teatrais, embora com maior apelo, se configuram como a grande atração no espaço do lazer.

A EDUCAÇÃO FEMININA E O MATRIMÔNIO COMO ASPIRAÇÃO SOCIAL

Com exceção de preceitos higiênicos para os cuidados e a saúde das crianças, por meio de conselhos úteis, pouco ou nada se abordava sobre educação nos almanaques, embora esta fosse condição para o desempenho da maternidade. Os matrimônios continuavam a ser o grande

acontecimento social e máxima aspiração das jovens casadouras. O panfleto eugênico *Como conseguir um bom marido*, de Renato Kehl fazia sucesso nos meios sociais:

Todas as mulheres, ao chegar à cupidinea idade da juventude, a essa deliciosa fase da vida em que tudo parece sorrir, são tocadas por doce e estranha preocupação de encontrar uma parte do seu eu, uma qualquer coisa incompreendida, mas que faz falta; são tocadas, repito, pelo desejo de encontrar a outra 'metade', enfim de descobrir um noivo, um marido. (KEHL, 1935, p. 16).

Equilibrando-se entre as aspirações sociais, as normas cristãs de religiosidade, os padrões comportamentais, as aspirações de pureza da raça pregada pela Eugenia, as restrições sociais e familiares, o apelo do novo século e a vida entrevista pela *cultura* dos almanaques, se debateriam as mulheres brasileiras na angústia existencial da vida a ser aproveitada ao máximo proposta pelo apelo parisiense dos *annés follés*? Como se apropriavam dos postulados pela emancipação defendida pelas feministas norte-americanas e europeias? Onde se inseriam essas novidades no arcaico sistema escolar brasileiro atrelado ao catolicismo ultramontano, que não se fortaleceu no início do século XX, mesmo com os ideais do liberalismo republicano e as inovações introduzidas pelos missionários protestantes, no sistema de ensino público e privado?

A conquista do voto, que mobilizou as mulheres no mundo ocidental foi, no plano simbólico, a representação de sua inserção no espaço público e nas estruturas de poder, mas sua participação política continuou restrita a pequenos grupos de mulheres educadas pertencentes a uma classe social melhor situada economicamente.

A constatação da capacidade das mulheres para o trabalho fora do âmbito doméstico, e o conseqüente ganho de autonomia que isso lhes proporcionou, mais as necessidades de sobrevivência ditadas pelas circunstâncias, iniciaram uma reviravolta nas expectativas sociais, familiares e pessoais acerca do sexo que até então estivera confinado no resguardo do espaço doméstico e no cumprimento da função reprodutiva. Essas mudanças possibilitaram a emergência de uma imagética feminina que atravessou as fronteiras por meio da imprensa, do rádio e do cinema, influenciando as mentalidades nos países periféricos, entre eles o Brasil,

principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia, embora outros estados também devam ter participado. Para isso, a contribuição da imprensa feminina foi decisiva e as mulheres instruídas aproveitaram esse espaço aberto no mundo das letras para serem ouvidas e expor sua nova maneira de pensar.

Figura 5 - ALMANACH, março de 1928, p. 52



As atrizes são imitadas nos seus estilos de roupas, cabelos e maquiagem. Os olhos são profundos e as bocas sensuais, sem disfarce do erotismo, embora delicado.

Os populares almanaques ficaram ausentes do debate político proposto pela onda feminista. Em suas páginas as mulheres eram belos enfeites que atraíam e seduziam a imaginação. Como no cinema, não eram seres reais; mesmo assim eram imagens a serem imitadas, transpostas das telas e páginas de revistas para a vida cotidiana. Em contraponto com o cerceamento da liberdade, enquadradas na submissão que delas se esperava, continuariam a aceitar o papel de reprodutoras da raça, como haviam pregado os higienistas e positivistas nos anos noventa? Passariam a reivindicar, ainda que brandamente, o direito de viver a própria vida e de realizar escolhas sem os grilhões impostos pelo sexo? Os anos em devir suprimiram algumas lacunas, mas ainda se sabe muito pouco sobre mulheres do passado, pela invisibilidade histórica de que nos fala Michelle Perrot.

ALGUMAS (POUCAS) CONSIDERAÇÕES

No século XX, o acesso à educação e profissões foi conquistado pelas mulheres, embora parcial, porque restrito a determinados espaços, o que se revelou como mais um mecanismo de opressão. A educação das mulheres possibilitou conservar nos lares, nas escolas e na sociedade a hegemonia masculina; detentores do poder econômico e político, os homens se apropriaram do controle educacional e passaram a ditar as regras da instrução feminina e a limitar o seu ingresso em profissões consideradas adequadas à sua capacidade intelectual e desempenho físico.

Disciplinada pelos homens, a educação das mulheres continuou sendo um prolongamento da educação familiar. Enquanto estudavam, as jovens aguardavam o casamento e o estudo, na maior parte das vezes, era uma preparação para a relevante missão de esposa e mãe, que era o que realmente importava em suas vidas. Não eram mais as procriadoras incultas, mas as futuras esposas educadas, conhecedoras das necessidades do marido e dos filhos, alicerces da moral e dos costumes, fiéis guardiãs do lar cristão e patriótico. Romper com tais estruturas, e sempre houve quem o fizesse, significava o degredo ou a condenação social. Portanto, o poder não se nivelou equitativamente, nem sequer significou a liberação das mulheres, mas apenas se humanizou ao consentir na sua instrução (ALMEIDA, 2007).

As relações pedagógicas construídas nas escolas eram carregadas de simbolizações, e alunos e alunas aprendiam normas, conteúdos, valores, significados, que lhes permitia interagir e conduzir-se de acordo com o gênero com o qual se identificavam, assumindo especificidades comportamentais de acordo com essa identificação. A educação feminina era demarcada por sólidos limites quanto ao sexo e as atribuições do protagonismo social reservadas a homens e mulheres. Possivelmente, apesar do apelo do cinema e do rádio, dos modismos importados, da *cultura dos almanaques*, dos comportamentos produtores de rupturas, em que se considere sua influência, isso não chegou propriamente a abalar os alicerces edificados em torno da imagética acerca das mulheres e homens e as relações de alteridade que se processavam entre os sexos.

A educação era a veiculadora e mantenedora do conservadorismo herdado do século XIX. A cultura brasileira se mostrava fragmentada, objeto

de várias influências, e o lazer era no mínimo dicotômico, ora ampliando seus espaços, ora aprisionando homens e mulheres aos cânones ultrapassados que não compactuavam com o novo mundo civilizado que se queria construir no alvorecer do século XX. A educação feminina, por muito tempo, ainda defenderia os valores tradicionais que se estenderam ao longo da primeira metade do século XX. Estes só deixaram de ter continuidade quando as conquistas, lideradas pelos movimentos sociais e os modernos formatos educacionais femininos, juntamente com as reivindicações ao direito de votar, se impuseram no cenário social e exigiram novas atrizes que não aquelas expostas nas telas do cinema e nas revistas e jornais da moda.

Quanto aos almanaques, até que ponto o imaginário social foi influenciado? As práticas e símbolos veiculados ocasionaram mudanças de comportamento; afrouxaram os rígidos laços familiares que encarceravam as jovens e as mulheres naquilo que seria considerado sua missão: o desempenho materno, a preservação da virtude?

Como isso repercutiu ao adentrarem nos lares e introduzirem a modernidade dos costumes? O apelo sensual das atrizes, das jovens americanas, inglesas e francesas se introduziu no imaginário do espaço privado? E criou uma nova geração de mulheres que se identificavam com modelos que não o de suas mães e avós?

Os fragmentos iconográficos ou escritos do passado histórico, de fontes hoje silenciadas pela voragem dos anos permitem estudar as mulheres em veículos diferenciados, que popularizavam toda forma de palavra impressa dirigida a ambos os sexos. Nas relações de alteridade, vale a pena refletir sobre como homens e mulheres na ordem burguesa, ao longo das décadas, decodificavam os sentidos e atribuíam novos significados à vida cotidiana.

Os anos 1920 foram o ponto de partida? As revistas, magazines e almanaques compuseram novos rearranjos sociais e alteraram os rumos dos destinos impostos ao sexo feminino? Provavelmente, tal pode ter acontecido. Mas, isso podemos apenas inferir. A História das Mulheres ainda não foi suficientemente desvendada para podermos afirmar com certeza.

REFERÊNCIAS

- ALMANACH EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, Casa Americana, n. 105, 9. ano, fev. 1926.
- ALMANACH EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, Casa Americana, n. 107, 11. ano, abr. 1926.
- ALMANACH EU SEI TUDO. Rio de Janeiro: Casa Americana, n. 1, 11. ano, jun. 1927.
- ALMANACH EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, Casa Americana, n. 4, 11. ano, set. 1927.
- ALMANACH EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, Casa Americana, n. 130, 10. ano, mar. 1928.
- ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.
- ALMEIDA, Jane Soares de. *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?* Campinas: Autores Associados, 2007.
- BARREIRA, Cecília. *História de nossas avós: retrato da burguesa em Lisboa (1890/1930)*. Lisboa: Colibri, 1992.
- BICALHO, Maria Fernanda B. O Bello Sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX. In: COSTA A. de O.; BRUSCHINI, C. *Rebeldia e submissão: estudos sobre a condição feminina*. São Paulo: Vértice, 1989. p. 79-99.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Revista de Estudos Avançados*, São Paulo, n. 11, p. 173-191, maio 1991.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- GARGALLO, Francesca. Diferencia. In: GAMBA, S. B. (coord.). *Diccionario de estudios de género y feminismos*. Buenos Aires: Biblos, 2007. p. 37-54.
- KEHL, Renato. *Como escolher um bom marido*. Rio de Janeiro: Ariel, 1935.
- LOURO, Guacira L. Educação e gênero: a escola e a produção do feminino e do masculino. In: SILVA, L.H; AZEVEDO, J.C. (org.). *Reestruturação curricular: teoria e prática no cotidiano da história*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 172-181.
- MAFFÍA, Diana. Dicotomía sexual. In: GAMBA, Susana B. (coord.). *Diccionario de estudios de género y feminismos*. Buenos Aires: Biblos, 2007. p. 77-99.
- MAGALDI, Ana Maria B. de M. Mulheres no mundo da casa: imagens femininas nos romances de Machado de Assis e Aluizio de Azevedo. In: COSTA, A. de O.; BRUSCHINI, C. (org.). *Entre a virtude e o pecado*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 23-45.

PARAÍSO, Marlucy A. Gênero na formação docente: campo de silêncio no currículo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 102, p. 23-45, nov. 1997.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo Contexto, 2012.

SCOTT, Jean. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n.2, p. 5, jul./dez.1990.